

Conceituação do arquétipo anima-animus na obra de Jung

Fernanda G. Moreira

Hopke (2011) considera a conceituação do arquétipo anima-animus, feita por Jung a partir da prática clínica, das vivências familiares e de uma grande imersão no próprio inconsciente, como uma das contribuições mais singulares e criativas desse autor.

Esta imagem é “a Senhora Alma”, como denominou Spitteler. Propus o termo anima, porque o mesmo deve designar algo de específico para o qual o vocábulo “alma” é demasiadamente geral e vago. O fato que se exprime no conceito de anima é um conteúdo sumamente dramático do inconsciente. Podemos descrevê-lo em linguagem racional e científica, mas nem de longe exprimiríamos seu caráter vital. (Jung, OC IX/2, §25).

Por outro lado, trata-se de um trabalho que gera bastante polêmica, especialmente nas novas gerações, uma vez que nenhum modelo de concepção da psique deixa de ser influenciado pela subjetividade de seu criador. Jung entendia este par arquetípico a partir dos limitados padrões estereotipados de masculinidade e feminilidade característicos do início do século XX, quando as mulheres ainda tinham que pleitear direitos básicos de cidadania, como o sufrágio feminino, direito adquirido pelas mulheres na Suíça apenas em 1971 – após a morte de Jung – por exemplo. Não obstante, o pai da Psicologia Analítica reconheceu que a conceituação que fizera não estava finalizada, esperando contribuições futuras:

Na realidade, tenho plena consciência de que se trata de um trabalho pioneiro que deve contentar-se com seu caráter provisório. [...] Longe de mim querer dar uma definição por demais específica destes conceitos intuitivos. (Jung, OC IX/2, §27-28).

Arquétipo

Grimberg (1997), comenta a dificuldade de se conhecer um arquétipo, pela sua natureza energética, inconsciente e atemporal. Acessamos tão somente a imagem arquetípica, ou seja, o arcabouço arquetípico revestido de informação cultural e vivencial, circunscrita no tempo e espaço. Para apreender melhor a profundidade do conceito ora estudado de Jung, é importante compreender o conceito de arquétipo:

Os arquétipos são formas de apreensão, e todas as vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconheçamos ou não o seu caráter mitológico. (Jung, OC VIII/2, §280).

Destarte, tais ideias primordiais, arcaicas e típicas da nossa espécie – arquetípicas – definem a nossa psique como humana. “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizarem em colônias” (Jung, 2008, p. 82). Hopke (2011) diferencia arquétipo de imagem arquetípica, descrevendo o primeiro como um molde psíquico no qual as experiências pessoais e coletivas tomam forma para compor a imagem arquetípica. Jung, ao propor os arquétipos anima-animus, descreveu as imagens

arquetípicas correspondentes à sua vivência e observação. O que não diminui a enormidade da contribuição. Autores mais contemporâneos continuaram o trabalho, infinito, de aproximação dos arquétipos da sизígia.

Anima X Persona

Na obra *Tipos Psicológicos*, Jung inicia a conceituação de anima pela oposição ao conceito de persona, sendo esta a máscara, a atitude com a qual o indivíduo se identifica e que corresponde às exigências e opiniões do meio social. O complexo funcional da persona diz respeito exclusivamente à relação com os objetos externos.

A persona é um complexo sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. [...] No entanto, só negará a necessidade da persona quem desconhecer a verdadeira natureza de seus semelhantes. (Jung, OC VII/2, §305).

Sobre a parcialidade da persona enquanto representação da personalidade do indivíduo, canta Vinícius de Moraes, em *O Canto de Ossanha*:

O homem que diz "dou" não dá
Porque quem dá mesmo não diz
O homem que diz "vou" não vai
Porque quando foi já não quis
O homem que diz "sou" não é
Porque quem é mesmo é "não sou"
O homem que diz "estou" não está
Porque ninguém está quando quer

Mas, se existe um relacionamento com o objeto externo – o meio social, uma atitude externa dotada de autonomia, existe um relacionamento com o objeto interno – o inconsciente, ou seja, uma atitude interna. Esta mais íntima e de difícil acesso, corresponde a um complexo funcional tão determinado e dotado de autonomia quanto a atitude externa. “Denomino persona a atitude externa, o caráter externo; e a atitude interna denomino anima, alma” (Jung, O.C. VI, § 758).

Jung propõe a anima dotada de características complementares à persona: esta influenciada pelo meio ambiente e identificada com o consciente, aquela moldada pelo e identificada com o inconsciente. Essa complementariedade atinge também o caráter sexual. “Mulher muito feminina tem alma masculina; homem muito masculino tem alma feminina” (Jung, O.C. VI, § 759). Jung observou que, quanto mais viril atitude externa de um homem, mais suprimidos no inconsciente ficam seus traços femininos; e, por sua vez, as mulheres mais femininas apresentam traços masculinos que, ausentes da atitude externa – da persona feminina, são qualidades inconscientes. “Se, com relação ao homem, falarmos de anima, deveríamos logicamente falar de animus com relação à mulher” (Idem).

Projeção Anímica

Jung começa a descrição da anima-animus como elemento inerente ao inconsciente por natureza, sendo deste uma produção espontânea. A dificuldade desse conceito se inicia justamente com este aspecto: para a conscientização do arquétipo da

sizígia, esbarramos em mecanismos de defesa, reforçados socialmente. A música Super-homem, de Gilberto Gil exemplifica esse processo:

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesses ter

Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É o que me faz viver

Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera
Ser o verão no apogeu da primavera
E só por ela ser

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um Deus o curso da história
Por causa da mulher
(Gilberto Gil, 1979)

O que Gil chama de ilusão, na Psicologia Analítica entendemos como a identificação do ego com a persona. Um mecanismo de defesa apontado por Jung como central na formação do complexo da anima é a projeção. Esta é definida por esse autor como “um processo inconsciente e automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para o objeto, fazendo com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto” (Jung, O.C. IX/1, § 121).

Em todos os casos em que há uma identidade com a persona, e, portanto, a alma é inconsciente, a imagem da alma é transferida para uma pessoa real. Esta pessoa é objeto de amor intenso ou de ódio intenso (ou também de medo). As influências dessa pessoa têm caráter imediato e absolutamente obrigatório porque sempre recebem resposta afetiva. [...] Os afetos sempre ocorrem onde falham as adaptações. Uma adaptação consciente ao objeto que representa a imagem da alma é impossível exatamente porque a alma é inconsciente para o sujeito (Jung, O.C. VI, § 842).

Jung também chama a atenção para o risco oposto: a identificação com a anima-animus e a projeção da persona no objeto externo, dificultando a adaptação social e a possibilidade de relacionamentos íntimos. A projeção de anima-animus num primeiro momento propicia o desenvolvimento da persona e a conseqüente adaptação social.

Mãe, Pai, Anima e Animus

Jung (OC VII/2) afirma que a primeira projeção de anima de um jovem se dá na mãe. Posteriormente, a partir da adolescência, esta imagem passa a ser transferida para outras mulheres. Para tanto se faz necessária a desidealização da mãe (Jung, OC VII/2; Neumann, 1968).

É preciso levar a sério o irrealizado anseio que o filho sente de viver e de amar o mundo. Ele gostaria de tocar o real com as mãos, de abraçar a terra, de fecundar o campo do mundo. Mas apenas é capaz de impulsos impacientes, pois a secreta recordação de que pode receber de presente o

mundo e a felicidade – isto é, da parte da mãe – paralisa suas forças propulsoras e sua perseverança. [...] Para isso seria necessário um Eros desleal, que o fizesse esquecer a mãe e submeter-se à pena de abandonar a primeira amada de sua vida. (Jung, OC IX/2, §22).

A projeção só pode ser desfeita quando o filho consegue separar a mãe biológica da imago materna, ou seja, da imagem internalizada da mãe. Jung alerta que a anima não se trata de uma figura substitutiva da mãe: as qualidades numinosas que tornam a imagem materna tão poderosa originam-se do arquétipo coletivo da anima que se encarna de novo em cada criança do sexo masculino. O correlato ocorre com as meninas: o pai é o primeiro receptáculo das projeções do animus da filha.

A representação de uma pessoa é constituída, primeiramente, pela imagem que ele recebe da verdadeira pessoa, e depois de uma outra imagem resultante da reelaboração subjetiva da primeira imagem, em si já talvez bastante falha. (Jung, OC IX/2, §37).

Jung explica que da inconsciência desse processo deriva a intensidade das reações emotivas quando se ativa o complexo anímico. Daí a necessidade de se desfazer tais projeções, mas também a dificuldade: ao se recolher as projeções anímicas do casal parental começa-se a trilhar um terreno inexplorado e desconhecido – o caminho da individuação. (Jung, OC IX/2).

Integrando Anima-Animus

A autonomia do inconsciente coletivo se expressa nas figuras de anima-animus. Seus conteúdos personificados podem ser integrados à consciência a partir da retirada da projeção. “Neste sentido, constituem funções que transmitem conteúdos do inconsciente coletivo para a consciência” (Jung, OC IX/2, §40). Porém, tal recolhimento não ocorre por simples argumentação lógica. Daí a importância, na análise, do trabalho com sonhos e a imaginação ativa, entre outras técnicas projetivas, além do trabalho da transferência-contratransferência:

Mencionei todas essas coisas, para ilustrar a que ordem de grandeza pertencem as projeções geradas pela anima e pelo animus, e que esforços morais e intelectuais são exigidos para desfazê-las. Ora, nem todos os conteúdos da anima e do animus estão projetados. Muitos deles afloram nos sonhos, etc. E muitos outros podem alcançar a consciência mediante a chamada imaginação ativa. (Jung, OC IX/2, §39).

Existe a ressalva, que a totalidade dos arquétipos transcende o âmbito da consciência, desta forma, anima-animus jamais vão se tornar totalmente conscientes. Mantém-se a autonomia do par arquetípico da sísígia, razão pela qual não se deve perde-los de vista: a consciência permanece continuamente exposta ao risco da unilateralidade.

Meus dias de ganso,
O ranço sempre retorna,
Inútil trancar a porta.
Corta agora minha trilha,
Velha cobra conhecida,
Escancarando a ferida,

De tão funda, sem forma.
Toma minh'alma,
Não tenho força,
Devolva, ao menos, a calma.
(Rita, 2001)

Pela retirada da projeção da sizígia no casal parental, o indivíduo fica apto ao encontro amoroso, e nova projeção anímica ocorre:

Só se pode conhecer a realidade da sombra em face de um outro, e a do animus e da anima, mediante a relação com o sexo oposto, porque só nesta relação a projeção se torna eficaz. Este conhecimento dá origem, no homem, a uma tríade, um terço da qual é transcendente, ou seja: o sujeito masculino, o sujeito feminino, o seu contrário e a anima transcendente. Na mulher dá-se o inverso. No homem, o quarto elemento que falta na tríade para chegar à totalidade é o arquétipo do velho sábio [...]; na mulher é a mãe ctônica. (Jung, OC IX/2, §42).

A utopia da conscientização da sizígia é expressa na música de Pepeu Gomes, Masculino e Feminino:

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...

Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi...

Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...

Sizígia: o arquétipo do encontro.

Jung explica que os pais são os adultos mais próximos e influentes para a criança. Na idade adulta, tal influencia vai se reduzindo e as imagens parentais vão se afastando da consciência, podendo adquirir um aspecto negativo. No homem adulto, a mulher passa a exercer esta influência e vice-versa, na medida que partilham a vida numa relação simétrica de companheirismo. Porém essa relação está longe de ser este paraíso na terra já pronto, mas uma construção a ser feita:

Aprendi que um homem identificado com a persona pode transferir todas as suas perturbações à própria mulher, sem que esta o perceba, embora pagando com uma grave neurose seu auto-sacrifício. (Jung, OC VII/2, §306).

Jung relembra que a necessidade de projeção de anima-animus vem da sua natureza inconsciente. Quando a projeção é retirada do casal parental, recai sobre as pessoas de sexo oposto que estimulem fortemente os sentimentos do indivíduo, seja positiva ou negativamente. Na paixão, esta projeção se faz maciçamente, tão mais forte quanto o sentimento amoroso.

Seja do ponto de vista positivo como negativo, a relação anima-animus é sempre “animosa”, isto é, emocional, e por isso mesmo coletiva. Os afetos rebaixam o nível da relação e o aproximam da base instintiva, universal, que já não contém mais nada de individual. Por isso acontece não raras vezes que a relação se dá por sobre a cabeça dos seus representantes humanos, que posteriormente nem perceberam o que aconteceu. (Jung, OC IX/2, §31)

A emergência da sombra com ativação da sizígia é a responsável pelo aspecto “animoso” do encontro descrito por Jung. A persona se retrai, dando lugar a aspectos pouco desejáveis da personalidade:

Por que não o afastamento?
E investir na proteção,
A quem amo privar,
Lastimável convivência?
A convivência em dividir,
Meu espaço deveria,
Destinar-se a quem desprezo.
Admiração... resiste,
A contatos espaçados,
Com encontros bem cuidados.
Instável é o controle do próprio veneno!
Isolamento voluntário, eu prefiro,
Carinho na memória alheia.
(Rita, 2002)

Esse rebaixamento de consciência que caracteriza a paixão traz consigo um esmaecimento dos limites da personalidade, ficando o casal fusionado temporariamente, em estado de simbiose. Tal fusão eu-outro é simbolizado no poema:

Incrível a clareza,
Com que me vejo em teu olhar.
Tua boca, meu desejo, nosso beijo.
Reconheço-me, teu jeito de amar.
Recebo-te, meu corpo,
Nossa urgência, nosso gozo,
Um só ser a ressonar.
E com que dor te percebo, minhas asas!
Em ti realizada,
Nem mais me lembrei de mim,
Tornar-me-ei desnecessária.
(Carolina, 2003)

Daí a oportunidade e o risco do encontro. Oportunidade se, do esmaecimento, sobrevém uma ampliação da consciência e não a cristalização da simbiose. Como o arquétipo que, por excelência, traz a relação com o inconsciente, a ativação anímica traz a possibilidade da relação com o outro interno, com a sombra, que pode ser conscientizada ou atuada projetivamente. A riqueza dessa possibilidade de ampliação de consciência pode ser vista no poema:

Até quando, princesinha intocável,
Insistirás na redoma que criastes?
Solidão, admiração, inveja, loucura:
Teu prêmio.
Surpresa?
A redoma é violável.
Sê normal,
Desfruta teu novo achado,
O amor mortal.
Bendize quem te tirou do altar!
(Carolina, 2003)

Nem sempre a paixão resiste à retirada das projeções, condição para que se torne amor. Mas, mesmo quando a relação se finda, se ocorreu ampliação de consciência, ou seja, se não houve a cristalização das projeções, este ganho de consciência permanece, por mais que sofrido:

Não lembro mais em qual ventania,
Eu perdi minha inocência,
Só lembro que foi belo o dia,
De festa, de muita alegria.
No início, eu não sabia,
Se inocente era, como poderia?
Tão linda, tão distraída,
Como fui bela este dia.
Muito, muito tempo eu levaria,
A perceber, quem diria,
Que, de toda aquela euforia,
Somente restaria,
Somente restaria,
O gosto amargo da experiência.
(Carolina, 2001)

Sempre existe o risco de, diante da dor de uma separação, a projeção que não foi devidamente conscientizada, transferir-se inadvertidamente para outro anteparo ou retornar a um anteparo anterior, como canta Vinícius de Moraes no Canto de Ossanha:

Coitado do homem que cai
No canto de Ossanha, traidor
Coitado do homem que vai
Atrás de mandinga de amor
[...]
Vai, vai, vai, vai, não vou
Que eu não sou ninguém de ir
Em conversa de esquecer
A tristeza de um amor que passou
Não, eu só vou se for pra ver
Uma estrela aparecer
Na manhã de um novo amor
Amigo sinhô Saravá
Xangô me mandou lhe dizer
Se é canto de Ossanha, não vá
Que muito vai se arrepender

Pergunte pro seu Orixá
Amor só é bom se doer

Imagem Anímica

Por fim, a parte mais polêmica do conceito diz respeito às características da imagem arquetípica: “Como a anima corresponde ao Eros materno, o animus corresponde ao Logos paterno”. (Jung, OC IX/2, §29).

Jung associa a anima à sensibilidade, na luz e na sombra: tanto à motivação para o encontro, as relações sociais, o acolhimento como às instabilidades de humor; bem como à vaidade e à exaltação estética. Ao animus Jung associa a necessidade de poder e força, que em seu lado sombrio se traduz em opiniões irracionais irredutíveis à argumentação lógica e à agressividade desmedida, como no poema:

Travestida em ciência,
Exerço toda a crueldade,
Da minha onipotência.
Tão bem argumentado,
Convenço-me tão bondosa,
De prêmios por meus crimes,
Descubro-me desejosa.
(Rita, 2001)

Outras associações trazem a anima como receptividade e o animus como invasão. A anima exige cuidado e proteção. “A anima cria, inventa, e o animus faz, realiza. A anima é o ‘coração’ e o animus é o verbo, a ação!” (Alvarenga, 2015, p. 6):

Ok, eu preciso de um herói,
Mas só de vez em quando.
Um herói de fim de ano,
Quando queima o meu chuveiro,
Acabando o dinheiro, me batem no carro,
E algum engraçadinho me tira o sarro.
Aquele herói bem maneiro,
Pra ajudar no imposto de renda,
Brigar com gerente, seguradora,
E matar barata voadora.
Mas tem que abraçar apertado,
Dançar de rosto colado,
Sentir-se feliz ao meu lado.
E, quem sabe, por ele,
Esqueceria a minha agenda,
Mas só de vez em quando...
(Carolina, 2001)

Maria Zélia Alvarenga (2015), propõe que homens e mulheres carregam ambos os arquétipos anima e animus. Essa possibilidade encontra alguma brecha no próprio texto do Jung:

Como o animus tem tendência a argumentar, é nas discussões obstinadas em que mais se faz notar sua presença. Por certo é possível que haja também muitos homens que argumentem de maneira bem feminina, naqueles casos, por exemplo, em que são predominantemente possuídos

pela anima, razão pela qual se transmudam no animus de sua anima. (Jung, OC IX/2, §29).

A coexistência de animus e anima em homens e mulheres traria a possibilidade do encontro mais profundo, em posição dialética interna e externa, quando do processo de desidealização da paixão e recolhimento progressivo das projeções. Tal encontro precisa de cuidado diário, uma vez que o inconsciente é fonte inesgotável:

Desafio é manter na retina,
O arco-íris do teu gozo,
Quando retorno à neblina.
(Carolina, 2001)

Referências Bibliográficas

Alvarenga, M. Z.; Anima-animus e o desafio do encontro. **Junguiana**, V. 33/1, p. 5-12; 2015.

GRIMBERG, L. P. **Jung: o homem criativo**. 1ª. ed. São Paulo: FTD, 1997.

HOPCKE, R. H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. (1971). OC vol. VII/2. 12º ed. Vozes, Petrópolis: 1987.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. (1971). OC vol. VIII/2. 3º ed. Vozes, Petrópolis: 1991.

JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. (1976). OC vol. IX/2. Vozes, Petrópolis: 1982.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. (1976). OC vol. IX/1. 6º ed. Vozes, Petrópolis: 2008.